

O OLHAR DA REDE GLOBO SOBRE O MUNDO MULÇUMANO NO CONTEXTO GEOPOLÍTICO PÓS-11 DE SETEMBRO

Francisco Fernandes Ladeira
ffernandesladeira@yahoo.com.br
Mestre em Geografia pela UFSJ e
Professor do IFES

DOI: 10.21882/ruc.v7i13.801
Recebido em: 13/08/2019
Aceito em: 10/12/2019

25

*THE VISION OF GLOBO TV ABOUT
THE MUSLIM WORLD IN THE
GEOPOLITICAL CONTEXT
POS-SEPTEMBER 11*

RESUMO

O atentado de 11 de setembro gerou, entre outras consequências, uma intensa campanha midiática global contra a civilização muçulmana. Não obstante, os estereótipos negativos sobre o islã e seus seguidores encontraram um campo fértil para a sua propagação nos noticiários internacionais da Rede Globo de Televisão. A partir do pressuposto que a mídia tem desempenhado o papel de influente ator no atual contexto das relações internacionais, busca-se analisar a cobertura do Jornal Nacional sobre o “11 de setembro”. Pretende-se, também, demonstrar que mesmo os fatos que não tiveram ligações com o mundo muçulmano, como os Massacres de Realengo e de Oslo, foram utilizados pela maior emissora do Brasil como pretextos para propagar ideias negativas sobre o Islã.

Palavras-chave: Mídia. Geopolítica. Rede globo. Mulçumanos. Estados Unidos.

ABSTRACT

The attacks of September 11 led, between among other consequences, to a global media campaign against the Muslim civilization. Moreover, the negative stereotypes about Islam and its followers found fertile ground for its spread in international news of Globo TV. From the assumption that the media has played the role of influential actor in the current context of international relations, we seek to analyze the coverage of the “National Journal” about the September 11. The present article also intended to demonstrate that even facts that had nos links with the Muslim world, such as the massacres of Realengo and Oslo, were used by the biggest emitter of Brazil as pretext to spread negative ideas about Islam.

Keywords: Media. Geopolitics. Globo TV. Muslims. United States.

Introdução

Em 11 de setembro de 2001, telespectadores de praticamente todas as regiões do planeta assistiram atônitos as imagens de aviões se chocando contra as imponentes torres gêmeas do World Trade Center, localizado na cidade norte-americana de Nova York.

Os ataques, atribuídos à rede terrorista Al Qaeda, liderada pelo milionário saudita e ex-aliado dos Estados Unidos, Osama Bin Laden, demonstraram as vulnerabilidades da maior potência global. Pela primeira vez, desde a ofensiva conduzida pela Marinha Imperial Japonesa contra a base naval de Pearl Harbor, no início da década de 1940, os Estados Unidos eram alvejados em seu próprio território.

Este acontecimento em Nova York trouxe como principal consequência o surgimento de um novo inimigo externo de Washington: o “terrorista islâmico”. A partir de então, iniciou-se uma intensa campanha midiática com o objetivo de demonizar o mundo muçulmano. Imagens dos aviões se chocando contra as torres gêmeas do World Trade Center e de muçulmanos supostamente celebrando esses ataques foram exaustivamente repetidas em todo o planeta.¹ Em consonân-

cia com a propaganda ideológica contra a civilização muçulmana promovida pelos grandes conglomerados de comunicação estadunidenses, a mídia brasileira, sobretudo a Rede Globo de Televisão, aderiu prontamente ao discurso produzido por Washington².

Nesse sentido, o presente trabalho aborda a contribuição da maior emissora do país na propagação de estereótipos negativos sobre o mundo muçulmano. Nosso estudo será pautado nas análises dos discursos das coberturas de três acontecimentos emblemáticos: o atentado de 11 de setembro, o Massacre de Realengo e o Massacre de Oslo³.

Por se tratar de uma investigação de caráter crítico-descritivo, os procedimentos metodológicos utilizados neste artigo foram revisão de bibliografia sobre a temática “geopolítica” e seleção de alguns materiais presentes nos noticiários internacionais da Rede Globo de Televisão para posterior análise dos mesmos a partir de referencial teórico pertinente.

A importância da mídia para a geopolítica contemporânea

O termo “geopolítica” refere-se à análise das relações internacionais, à distribuição

concede maior espaço para o noticiário internacional e também pela liderança na audiência, sendo, portanto, o veículo midiático com maior probabilidade de influenciar o público no tocante às questões geopolíticas.

³ Os Massacres de Realengo e Oslo são exemplos de fatos sem ligações com o mundo muçulmano, mas que foram utilizados pela Rede Globo como pretextos para reverberar ideias negativas sobre o Islã. Ambos os acontecimentos ocorreram em 2011, ano do falecimento de Osama Bin Laden, uma década após o 11 de setembro, quando os estereótipos sobre o mundo muçulmano já estavam sedimentados no imaginário social.

¹ “A enxurrada de notícias e fotos de árabes é sempre retratando o amontoado de gente. Nenhuma individualidade, nenhuma característica ou experiência pessoal. A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis fazendo gestos irracionais, logo desesperadamente excêntricos. Enfim, pelo que se tem observado, a grande imprensa tem dedicado quase nenhum espaço para opiniões discordantes das percepções que sobrevivem desde a Idade Média, em relação aos árabes e ao Islã. O que se vê é um alinhamento dos meios de comunicação que em seus discursos insuflam ainda mais a imagem negativa dos povos árabes” (COLLARES, 2012, p. 26).

² A escolha da Rede Globo como objeto de análise do presente estudo justifica-se pelo fato de ser a emissora que

espacial do poder, à emergência de atores não-estatais no cenário global e às relações entre Estado-Nacional e território.

Os estudos geopolíticos surgiram na segunda metade do século 19 como uma maneira de justificar academicamente os vastos impérios coloniais das potências europeias nos continentes asiático e africano.

Com os avanços tecnológicos após a Segunda Guerra Mundial, principalmente nos setores de comunicação e transporte, atores como a mídia e as corporações transnacionais passaram a dividir espaço com os tradicionais Estados-Nacionais no cenário geopolítico. De acordo com a teoria construtivista, os grandes veículos de comunicação são atores extremamente relevantes na configuração das relações internacionais, pois “na sociedade da informação, a política internacional não é somente feita por meio da mídia, mas também percebida através dela” (CAMARGO, 2012, p. 136). Conseqüentemente, a mídia tem sido um importante mecanismo para legitimar ou fomentar uma determinada agenda geopolítica⁴.

No livro “Discursos Geopolíticos da Mídia – Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina”, Margarethe Steinberger (2005) apresenta a tese de que nova ordem geopolítica internacional é uma ordem internacional midiática. Segundo a autora, as diferentes formas de imperialismo cultural (que não implicam necessariamente em domínio

territorial físico e direto) e de *soft power* (capacidade de conseguir resultados por meio da atração em vez da coerção) indicam que o sistema de referência em ascensão é o sistema “pós-moderno midiático”, em que a indústria cultural e os meios de comunicação de massa detêm o poder de configurar mentalidades a médio/longo prazo e, portanto, amalgamar o apoio social necessário à consolidação de qualquer liderança global.

Na atual ordem mundial – em que a hegemonia global paulatinamente vem se deslocando do campo político (Estado nacional) para atores não-estatais (mercado, organismos internacionais, capital desterritorializado) – a mídia tem assumido o papel de uma “esfera pública internacional sem fronteiras” (LADEIRA, 2015b).

Nesse contexto, a hegemonia no âmbito das relações internacionais depende cada vez mais do desenvolvimento tecnológico na área informacional. Em outros termos, o atual processo de dominação de uma nação sobre outras não se restringe apenas ao espectro militar, também está relacionado ao campo discursivo. Além de um poderoso exército, uma grande potência contemporânea também deve utilizar um eficiente aparato midiático, capaz de difundir determinadas ideias em escala planetária⁵.

A mídia possui o poder de definir, segundo seus interesses, o que deve ou não ser do conhecimento do grande público, de divulgar em escala planetária os principais acontecimentos mundiais, sob sua ótica. Assim, a informação que recebemos passa por um processo de edição no qual predominam a fragmentação da notícia e a visão ideológica – viés - daqueles que controlam o poder de informar (LEÃO e CARVALHO LEÃO, 2008, p. 17).

⁴ Segundo a teoria conhecida por *CNN Effect*, a mídia influencia diretamente a agenda política governamental, chegando a interferir em algumas tomadas de decisão, sobretudo em assuntos relacionados às intervenções militares. Indubitavelmente, um acontecimento que não esteja “documentado” na mídia não “existe” sob o ponto de vista geopolítico.

⁵ Após a Guerra do Golfo, as práticas de estratégia militar dos Estados Unidos, por exemplo, passaram a incluir também um ostensivo planejamento midiático, baseado na preocupação com o controle da opinião pública internacional.

Atualmente podemos compreender as questões geopolíticas a partir do tripé governo/academia/ mídia, em que os principais líderes globais lançam determinadas agendas (“guerra ao terror”), alguns pensadores as corroboram intelectualmente (“choque de civilizações”)⁶ e a mídia tem por função legitimar e tornar compreensível os discursos políticos e acadêmicos frente à população (“consenso fabricado”)⁷. A “guerra ao terror”, empreendida por George W. Bush, não teria o mesmo êxito junto ao público se não fossem os grandes veículos de comunicação. Em contrapartida, também não há como imaginar o terrorismo internacional moderno sem os impactos causados pelas imagens hollywoodianas do World Trade Center em chamas⁸, das pessoas correndo desesperadamente durante a Maratona de Boston ou das degolações realizadas pelo Estado Islâmico.

Por outro lado, é importante salientar que os conceitos de Estado, território e nação ainda são importantes para situar o cidadão comum em relação ao complexo xadrez geopolítico ou para a análise lexical da conjuntura global pautada na ordem internacional midiática. Não por acaso, as grandes agências de notícia recorrem ao conceito weberiano de Estado como o detentor legítimo do monopólio da violência para qualificar as intervenções israelenses na Palestina como “ações preventivas” ou “retaliações” e a resistência dos palestinos frente ao Estado sionista como “terrorismo”.

⁶ Choque de civilizações é uma hipótese proposta pelo cientista político Samuel Huntington. Segundo essa proposição, as identidades culturais são as principais fontes de conflitos no cenário geopolítico pós-Guerra Fria.

⁷ Na obra *Manufacturing Consent*, Noam Chomsky e Edward Herman (1994) destacam que a atuação dos meios de comunicação de massa nos Estados Unidos pode ser entendida a partir de um modelo retirado da

Influência dos noticiários internacionais

Nos últimos anos, a grande mídia brasileira, sobretudo a Rede Globo, tem perdido paulatinamente sua influência junto à população. O advento das redes sociais, a chamada “mídia independente” e os velhos quadros de referências sociais (família, igreja, escola e comunidade) são alguns dos mecanismos aos quais os indivíduos recorrem para formar suas opiniões a respeito dos conteúdos midiáticos.

As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma ‘bolha ideológica’, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo (LADEIRA, 2015c).

Lembrando o pensamento de Charaudeau (2006), há um “contrato de comunicação” que foge da alçada do controle midiático. Desse modo, não há posições estanques de emissor e receptor – o público também pode ser classificado como corresponsável na produção de sentido para o discurso midiático.

Podemos considerar que a manipulação midiática não ocorre na recepção, mas na produção e construção da notícia com a seleção dos acontecimentos considerados como interesse público, no tratamento dado a uma determinada informação, ao fazer juízo de valores, na escolha das fontes a serem ouvidas, na amplificação de um fato e ao privilegiar

propaganda, isto é, as atividades desenvolvidas pela mídia em geral estão a serviço da mobilização de apoio a interesses especiais que dominam o Estado e a atividade privada. Desse modo, a imprensa tem o importante papel de construir “fatos” e “verdades”.

⁸ O próprio atentado de 11 de setembro é, em si, um artifício para repercussão midiática. Foi construído também para dar visibilidade à causa da Al Qaeda.

um enquadramento da realidade em detrimento de outros pontos de vista (LADEIRA, 2015d).

No tocante às questões internacionais, em que os pontos de vista alternativos ao discurso midiático são menos eficazes e abrangentes, a grande mídia ainda condiciona o pensamento de boa parte dos brasileiros.

Sendo assim, a ideologia⁹ da mídia estadunidense, fielmente difundida pela Rede Globo, é praticamente a única fonte de informações que chega à esmagadora maioria da população.

Conseqüentemente, estereótipos¹⁰ como o “muçulmano terrorista e fanático religioso”, o “ditador cubano” e o “caudilho sul-americano”, exaustivamente repetidos como mantras pelos meios de comunicação, podem ser aceitos pelo público sem maiores questionamentos.¹¹

Por outro lado, as atrocidades cometidas por nações aliadas à Washington, como o genocídio promovido pelo Estado de Israel contra o povo palestino, o massacre do governo turco contra as populações curdas, o desrespeito às mulheres na Arábia Saudita e a violação dos direitos humanos na Colômbia são estrategicamente negligenciados, ou, na melhor das hipóteses, abordados superficialmente.

⁹ O “segredo” do discurso ideológico está em sua naturalização, em ocultar seu processo de construção. Quando o sujeito passa a considerar o costume, hábito e/ou julgamentos como “normais”, ele foi afetado pela ideologia. (ZIZEK, 1996).

¹⁰ Segundo Hall (2003), as constantes utilizações de estereótipos, rótulos e outras categorias estáveis pela mídia fazem parte de uma poderosa estratégia para conceder maior segurança cognitiva ao receptor e auxiliar sua interpretação para que os conteúdos divulgados pelos grandes veículos de comunicação sejam absorvidos com maior facilidade.

Prevalece a tendência, na grande imprensa, de simplificar os discursos, através da escolha da mesma gama de fontes e de um processo de espetacularização da notícia, que, no seu limite, tende a criar ou recriar a realidade dos fatos. Tais fenômenos desvalorizam a função mediadora e reflexiva da imprensa, estabelecendo uma tendência de relação imediata dos fatos com o público leitor, transformando o discurso jornalístico de produtor de pensamento e reflexão em discurso puramente ideológico (MARQUES, 2006, p. 58).

Em suma, podemos afirmar que a grande imprensa capitalista não é neutra e imparcial, como muitos apregoam. A mídia condiciona e é condicionada por outras áreas. Ao mesmo tempo em que almejam influenciar as principais decisões e instâncias de Poder, os principais veículos de comunicação também servem aos interesses daqueles setores econômicos que os financiam e dos governos que garantem seu público.

O 11 de setembro no Jornal Nacional

A edição de 11 de setembro de 2001 do Jornal Nacional, principal noticiário da Rede Globo, teve trinta minutos a mais do que o habitual e alcançou o maior índice de audiência do programa naquele ano, chegando a registrar a considerável marca de 60 pontos no IBOPE¹².

¹¹ Apesar de a mídia não afetar a audiência racionalmente e de maneira imediata, sua influência pode ser sentida a longo prazo, em aspectos emocionais, comportamentais e estéticas. Não é no contato imediato entre mensagem e receptor que devemos encontrar os prováveis efeitos sociais do discurso midiático, mas no acúmulo de informações que os principais veículos de comunicação transmitem ao longo do tempo (ALDÉ, 2004).

¹² “A audiência do JN expressou o desempenho da programação dos canais abertos durante todo o dia [11 de setembro de 2001], em que 45% das residências paulistanas ficaram sintonizadas no caso entre as

Conforme salienta Losurso (2013), uma das principais características da televisão é a capacidade de envolver emocionalmente a sua audiência¹³. Na grade de programação da Rede Globo, a colocação do Jornal Nacional entre duas telenovelas é estrategicamente utilizada para que ficção e realidade se confundam, fazendo com que noticiário e entretenimento apresentem praticamente o mesmo formato¹⁴.

Os telejornais [...] usam os artifícios das emoções, como alegria e tristeza para obter um telespectador mais seduzido, assim como fazem as telenovelas. A capacidade do público muitas vezes é substituída pelo relacionamento afetivo, onde o mais importante é conquistar a atenção do telespectador (MATOS, 2001).

A cobertura realizada pelo Jornal Nacional sobre o atentado de 11 de setembro foi marcada pela intensa exploração de aspectos subjetivos da personalidade humana. De maneira geral, o telejornal limitou-se a exibir incessantemente imagens dos aviões se chocando com as torres gêmeas do World Trade Center e de pessoas se jogando desesperadamente de ambos os edifícios ao invés de contextualizar e analisar criticamente o quadro geopolítico que condicionou as ações da rede Al Qaeda contra os Estados Unidos.

9h30 e 16h30. A média no horário é de 39%. Cada ponto no ibope representa 46 mil casas com TV na Grande São Paulo” (O ESTADO DE S. PAULO, 2001).

¹³ Entre os grandes veículos de comunicação, a televisão é certamente o que apresenta a maior influência sobre a população em geral. “A mídia televisiva é o meio de divulgação em massa que une os principais sentidos humanos: utiliza-se da locução e da imagem em movimento para apreender os olhares do público”. (NEGRINI; TONDO, 2007). Entre os motivos que podem explicar o grande êxito da televisão junto ao público podemos citar o “estatuto visual da verdade”, a linguagem de fácil assimilação com explicações simples para temáticas complexas, a formulação de “opiniões prontas” para que os telespectadores possam se posicionar sobre os mais variados assuntos e a expectativa familiar das imagens televisivas.

Em outros termos, privilegiou-se a forma em detrimento do conteúdo. O principal noticiário da Rede Globo deixou a impressão que o atentado de 11 de setembro não teve causas, mas somente consequências.

Com expressões mais sérias do que o habitual, os apresentadores Willian Bonner e Fátima Bernardes recorreram a frases de efeito como “uma terça-feira que vai marcar a história da humanidade”, “o maior atentado terrorista de todos os tempos”, “bolsas de valores e moedas nacionais são abaladas pelos atentados”, “a maior potência do planeta é alvejada pelo terror”, “o planeta em alerta geral” e “nunca na história tantos aviões foram sequestrados ao mesmo tempo”¹⁵.

Enquanto a população estadunidense foi caracterizada como exemplo de solidariedade e superação diante das adversidades, os muçulmanos foram retratados como extremistas que celebravam o “banho de sangue” promovido pela Al Qaeda.

Willian Bonner chegou a apontar que “nos territórios ocupados por Israel palestinos comemoravam a maior ofensiva terrorista de todos os tempos”. Por sua vez, o repórter Ernesto Paglia acrescentou:

¹⁴ A dinâmica de um telejornal é bastante semelhante a obras de ficção como filmes e telenovelas. Os primeiros blocos são marcados por reportagens extremamente tensas (crise econômica, sequestros, assassinatos e tragédias naturais, por exemplo). Ao longo do programa, o conteúdo se torna mais ameno, sendo que as últimas matérias são pautadas por conteúdos mais leves (geralmente associados a esportes ou celebridades) para que os telespectadores saiam com boas impressões sobre a realidade. Trata-se do equivalente jornalístico ao “final feliz” dos romances.

¹⁵ Giani David-Silva (2008) assevera que os diferentes níveis de tensão presentes na narrativa do Jornal Nacional fazem parte de um eficaz conjunto de estratégias que visam assegurar a audiência do programa.

Terror na América, festa no Oriente Médio. Nas ruas dos territórios palestinos ocupados por Israel, os americanos são vistos como amigos do inimigo israelense. Portanto, inimigos que merecem o pior. Há muita gente disposta a festejar a desgraça alheia diante das câmeras internacionais.

Embora haja concordância que o papel da televisão não seja necessariamente problematizar os acontecimentos geopolíticos, pois o próprio formato de um telejornal impede que determinados assuntos possam ser abordados de maneira aprofundada (BOURDIEU, 1997), é importante frisar que a cobertura da Rede Globo sobre o 11 de setembro não contextualizou historicamente ou tampouco apontou de maneira clara os prováveis motivos que levaram a Al Qaeda a sequestrar e lançar os aviões contra as torres gêmeas do World Trade Center¹⁶.

De acordo com Charaudeau (2007), a patemização – prática de suscitar estados emocionais na audiência mediante determinados estímulos – é uma poderosa estratégia para a legitimação do discurso televisivo. Desse modo, a cobertura realizada pela Rede Globo sobre o atentado de 11 de setembro, ao apresentar características típicas de narrativas épicas, com o presidente dos Estados Unidos George W. Bush alçado ao status de herói e, em contrapartida, os terroristas islâmicos assumindo os papéis de vilões (MANHÃES, 2002), foi suscetível de produzir diversos efeitos patêmicos em sua audiência como a compaixão frente às vítimas dos ataques, raiva em relação aos terroristas, horror pelas cenas dançantes de pessoas se jogando das torres gêmeas

em chamas e simpatia com os bombeiros estadunidenses que se empenharam na busca por sobreviventes.

Consequentemente, diante das reportagens exibidas pelo principal telejornal brasileiro, boa parte dos telespectadores, comovidos pelas fortes imagens, podem ter chegado à maniqueísta conclusão que os muçulmanos são temíveis algozes e os Estados Unidos, em contrapartida, simples vítimas da barbárie promovida pelos fanáticos seguidores de Alá.

Massacre de Realengo

Nos anos subsequentes ao atentado de 11 de setembro as matérias produzidas pela Rede Globo sobre o mundo muçulmano continuaram marcadas pela exaustiva estigmatização dos seguidores da religião fundada por Maomé. “A ‘guerra ao terror’ (eufemismo utilizado para escamotear as intervenções estadunidenses em países muçulmanos) não teria o mesmo êxito se não fosse a enorme propaganda midiática realizada para demonizar os povos islâmicos” (LADEIRA, 2015a).

Como bem asseverou Silvia Montenegro (2012), “na maioria das vezes em que o Islã é noticiado não deixa de ser evidenciada sua face mais assustadora. [...] Islã e fundamentalismo mostram-se intimamente associados, a ponto de parecer impossível falar de **um sem fazer referência ao outro**” (MONTENEGRO, 2012).

Um caso emblemático de como tragédias ocorridas nos mais variados lugares do planeta foram atribuídas (sem nenhum tipo de comprovação ou exame preliminar) a ter-

aliados aos povos árabes e muçulmanos ao longo da história.

¹⁶ O atentado de 11 de setembro não foi um fato isolado: está inserido em um contexto geopolítico bem mais amplo. Trata-se de uma resposta radical às inúmeras humilhações impostas pelas potências ocidentais e seus fiéis

roristas islâmicos esteve na cobertura do chamado “Massacre de Realengo”, ocorrido em abril de 2011.

Na ocasião, Wellington Menezes de Oliveira, munido de dois revólveres, entrou em uma escola no Rio de Janeiro, disparou várias vezes contra os alunos e, após ser interceptado por policiais, cometeu suicídio.

Uma desconexa entrevista da irmã adotiva de Wellington à rádio *Band News*¹⁷, a descoberta de um documento escolar em que o atirador se declarava muçulmano e algumas menções confusas a preceitos do Alcorão nas anotações pessoais de Wellington fizeram com que a mídia hegemônica chegasse à precipitada conclusão que o terrorismo islâmico teria sido a principal influência do massacre. Conforme observou Haubrich (2011), as reportagens produzidas pelo canal a cabo *GloboNews* buscaram relacionar a comunidade muçulmana da fronteira brasileira com o massacre ocorrido na escola carioca.

No Jornal Nacional, o âncora Willian Bonner sugeriu que o motivo desencadeador dos assassinatos poderia ser a ligação de Wellington com um “grupo terrorista”, supostamente islâmico. Em outra oportunidade, o noticiário da Rede Globo exibiu uma entrevista exclusiva na qual o irmão adotivo do autor do “Massacre de Realengo” afirmara que Wellington pensava em destruir um avião, assim como Osama Bin Laden fez nos Estados Unidos¹⁸.

¹⁷ Na entrevista concedida ao repórter Ricardo Boechat, Roselane de Oliveira afirmou sobre a última vez que viu o irmão: “ele estava estranho, com a barba muito grande e falando sobre muçulmanos”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S_MEGwZywoA> Acesso em: 12 jul. 2015.

¹⁸ Entrevista concedida ao Jornal Nacional em 7 de abril de 2011.

Entretanto, conforme atestou um vídeo divulgado na Internet pelo próprio Wellington, o *bullying* sofrido pelo atirador quando criança foi o fator determinante para desencadear os assassinatos na escola carioca. Ademais, na carta de suicídio encontrada junto ao corpo do autor do “Massacre de Realengo” não há menções a preceitos islâmicos.

Massacre de Oslo

Quatro meses após o “Massacre de Realengo”, o ativista de extrema-direita, Anders Behring Breivik, depois de lançar explosivos em uma região administrativa de Oslo, abriu fogo contra as pessoas que estavam em um acampamento organizado pela juventude do Partido Trabalhista, localizado em uma ilha ao norte da capital norueguesa, causando cerca de noventa óbitos¹⁹.

Em um “furo jornalístico”, o *New York Times*, mesmo sem a polícia local ter apontado algum suspeito, noticiou que um grupo islamita até então desconhecido, chamado Ansaral-Jihad al-Alami (Colaboradores da Jihad Global), emitira um comunicado pouco depois dos ataques, proclamando a sua autoria. De acordo com a suposta declaração, o atentado teria sido uma resposta a presença de tropas norueguesas no Afeganistão e à publicação de charges que ridicularizavam o profeta Maomé pelo jornal *Aftenposten*.

Conforme era de se esperar, a Rede Globo também aderiu ao falacioso discurso

Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/ele-sempre-foi-um-adolescente-muito-ausente-diz-irmao-do-atirador.html>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

¹⁹ O “Massacre de Oslo” está inserido na grande onda de xenofobia, recrudescimento de movimentos nacionalistas e de organizações de extrema direita que tomaram conta do continente europeu após a eclosão da crise econômica capitalista de 2008.

do diário nova-iorquino. No entanto, declarações públicas do próprio assassino revelaram um indivíduo com visões extremistas “que incluem conservadorismo cultural radical, ultranacionalismo, islamofobia, homofobia e racismo”²⁰. Logo, um perfil antagônico ao que se poderia esperar de um “terrorista muçulmano”.

Todavia, o Jornal Nacional, ao noticiar o julgamento de Anders, ocorrido em abril de 2012, além de omitir fato de o réu lutar contra o que alega ser a “islamização da Europa”, pressupôs que a Al Qaeda teria sido a inspiração para os assassinatos ocorridos na Noruega (INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS, 2012).

Para Bobato (2011), a tragédia ocorrida na Noruega demonstra como a grande mídia relativiza atentados protagonizados por muçulmanos e por indivíduos ligados a outras religiões ou ideologias. Quando havia a suspeita de que os ataques teriam sido cometidos por grupos islâmicos, os principais veículos de comunicação qualificaram o ocorrido como atos terroristas, porém, comprovada a autoria de Anders Behring Breivik, imediatamente o discurso midiático foi alterado.

Ainda segundo Bobato, as ações armadas realizadas por muçulmanos são tratadas como ações terroristas por boa parte da mídia brasileira. Já as ações do assassino da direita norueguesa foram tratadas como ataques ou atentados. Desse modo, é visível que estes veículos midiáticos optaram, no caso norueguês, em não utilizar a palavra terrorista, uti-

lizada geralmente para ataques de alguma organização que se identifique como muçulmana ou islâmica.

Não obstante, atentados promovidos por indivíduos isolados ou por organizações que não possuem qualquer tipo de ligação com algum Estado-Nacional são generalizados para todo o mundo muçulmano. Nesse sentido, o comentário à rádio CBN feito por Arnaldo Jabor, um dos principais articulistas da Rede Globo, após o “Atentado de Boston”, em abril de 2013, é emblemático:

Mas que força imensa tem o islamismo, que paira sobre mais de um bilhão de pessoas? Como pode ser tão obedecido? Nenhuma região tem essa força de comando. [...] Islã quer dizer, em árabe, submissão. Todos falam, aqui no Ocidente, em liberdade, democracia. [O Islã] é uma religião autoritária, que dominou os povos de uma região desértica, hostil, habitada por analfabetos e pobres que não querem saber de progresso, de futuro, essa fé ocidental, tão nossa. O islã não quer isso. Os islamitas querem o imóvel, a verdade absoluta. As suas multidões jazem na miséria, felizes. Sua obediência ao Corão ensina tudo: desde como cortar as unhas até como matar os cães infiéis, que somos nós. O surgimento do fanatismo islâmico, fundamentalista e criminoso, nos arrojou de volta para a Baixa Idade Média. [...] Infelizmente o Ocidente nunca vai se livrar desses assassinos que lutam e morrem fanaticamente cumprindo ordens de Alá (JABOR, 2013).

Discursos como este, impregnados de estereótipos, se aceitos pelo público, podem estimular as pessoas a também adotar posturas preconceituosas em relação ao mundo muçulmano.

Considerações Finais

O presente texto não teve o intuito de legitimar ou tampouco defender atentados como o ocorrido em 11 de setembro de 2001.

²⁰ANDERS BEHRING BREIVIK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Anders_Behring_Breivik&oldid=38459513>. Acesso em: 28 jan. 2018.

Promover a matança indiscriminada de milhares de pessoas inocentes não é, em hipótese alguma, uma maneira de se atingir um objetivo político ou arregimentar indivíduos para uma determinada causa. Não há como justificar, sob o ponto de vista ético, uma tragédia de tamanha dimensão. Tampouco tivemos a pretensão de construir um texto apologético ao islã ou exaltar figuras controversas do cenário internacional como Osama Bin Laden, Saddam Hussein ou grupos como Al Qaeda e o Estado Islâmico. Todavia, é importante salientar que os fatos que ensejaram ataques terroristas promovidos por grupos islâmicos, como o apoio incondicional do governo estadunidense a Israel no conflito árabe-judeu na região da Palestina ou a completa sujeição da monarquia saudita aos ditames de Washington, raramente são mencionados na grande mídia.

Não é preciso um extenso e fastidioso exercício hermenêutico para constatar a tendência pró-imperialista da Rede Globo e de seus principais articulistas. As análises dos discursos da emissora nos permitem inferir sua forte tendência em reverberar as pautas formuladas pelos grandes conglomerados de comunicação global e sua tendência a enxergar outras culturas pela ótica da nossa cultura. Analisar a construção dos noticiários internacionais da Rede Globo negligenciando tais aspectos seria uma atividade analítica incompleta e inócua.

Evidentemente, não há discurso que seja neutro. Contudo, lembrando um clássico pensamento de Alberto Dines, a Rede Globo transforma meras reportagens em verdadeiros editoriais. Coberturas jornalísticas que deveriam se limitar apenas a transmissão de informações ou a relatos dos fatos tornam-se, sob

o prisma da emissora, mecanismos para escoar uma determinada agenda política.

Consequentemente, grande parcela dos telespectadores pode equivocadamente inferir que os ataques promovidos por grupos Al Qaeda são comprovações de que a religião islâmica prega abertamente a intolerância e a violência ou, como sugeriu Thomas Friedman (2007), famoso colunista do *New York Times*, podem ter sido motivados simplesmente pela inveja que os muçulmanos sentem em relação aos êxitos do Ocidente, principalmente dos Estados Unidos.

Portanto, de acordo com a lógica jornalística da Rede Globo e (da grande mídia brasileira de forma geral), os ataques de grupos islâmicos contra os Estados Unidos, independentemente de serem reações radicais a constante presença estadunidense no Oriente Médio, são causados por bárbaros e atrasados muçulmanos que não aceitam os modernos valores ocidentais

Ademais, conforme o mencionado anteriormente, levando-se em consideração que a mídia influencia e é influenciada por outras áreas, não faz sentido algum falar em melhorias no sistema de comunicação em larga escala sem propor um projeto sólido de mudança global da sociedade.

Frente a esse quadro, não basta que um cidadão se mantenha apenas informado, é preciso saber ler a mídia, desvendar seus possíveis mecanismos manipuladores e entender os jogos de interesse que estão por trás do seu discurso. Compreender o conteúdo do noticiário internacional como resultado de um complexo processo de construção social e cultural dos fenômenos geopolíticos.

O sujeito que possui o mínimo conhecimento sobre o maquinário midiático, seleção de pautas (*agenda-setting*) e o contexto de construção da notícia (*newsmaking*) dificilmente será um alvo vulnerável para o pensamento dominante. Diante dessa realidade, as instituições escolares podem ser instâncias privilegiadas para a formação de cidadãos críticos em relação à mídia. Cabe, então, aos educadores promover a ressignificação do discurso midiático em sala de aula e orientar seus alunos no gerenciamento das informações que estão disponíveis nos principais veículos de comunicação. Surge assim um dos grandes desafios para os professores neste início de século 21: contribuir para que, no tocante aos estudos geopolíticos, o senso de julgamento de seus discentes não fique refém do enquadramento midiático.

Referências

ALDÉ, A. **A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa**. São Paulo: FGV, 2004

ALVIM, T. G. **O uso da propaganda na guerra psicológica embutida nos meios de comunicação e seu estudo focado nas diretrizes do 11 de setembro**. Barbacena: [s.n.], 2003. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) -Faculdade Regional de Ciências Exatas e Sociais - FACEC. Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, Barbacena, 2003.

ANDERS BEHRING BREIVIK. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Anders_Behring_Breivik&oldid=38459513>. Acesso em: 9 jun. 2018.

BOBATO, N. O terrorismo na Noruega, a mídia e o ódio religioso. **Portal Vermelho**. 27/07/2011. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=4158&id_coluna=95>. Acesso em: 9 jun. 2019.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAMARGO, J. F. **Mídia e Relações Internacionais: lições da Invasão do Iraque em 2003**. 1. ed. (ano 2009) 2ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2012.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.), **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. As mídias são manipuladoras? In: **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, N.; HERMAN, E. *Manufacturing Consent*. NY: Vintage Books, 1994.

COLLARES, V. G. C. Ciência e senso comum na construção da imagem do árabe muçulmano: ressonâncias que atravessam séculos. **Argumentos**, Montes Claros, v. 6, n. 1, , p. 7-30, jan. 2012.

DAVID-SILVA, G. Análise Semiolinguística da identidade midiático-discursiva de telejornais brasileiros e franceses. **Glauks** (UFV), v. 8, p. 10-19, 2008.

FRIEDMAN, T. L. **O mundo é plano: uma breve história do Século XXI**. Tradução de Cristiana Serra, Sergio Duarte e Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HAUBRICH, A. O massacre em Realengo e os primeiros movimentos da mídia. **Jornalismo B**. Porto Alegre, 7 abril 2011. Disponível em: <<http://jornalismo.com/2011/04/07/o-massacre-em-realengo-e-os-primeiros-movimentos-da-midia/>> Acesso em: 16 mai. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS. **Rede Globo distorce os fatos**. Curitiba: I.B.E.I, 2012.

Disponível em: <http://www.ibeipr.com.br/noticias.php?id_noticia=820>. Acesso em: 25 jun. 2017.

JABOR, A. Islã não quer o progresso. **Rádio CBN**: Rio de Janeiro. 23 abr. 2013.

LADEIRA, F. F. A demonização do mundo muçulmano. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 3 fev. 2015a.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed836_a_demonizacao_do_mundo_muculmano/>. Acesso em: 29 jan. 2019.

_____. A importância da mídia nas relações internacionais. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 12 maio 2015b.

Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-importancia-da-midia-nas-relacoes-internacionais/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas? **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 14 abr. 2015c. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. Onde e como ocorrem as manipulações. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 16 jun. 2015d.

Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/onde-e-como-ocorrem-as-manipulacoes/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

LEÃO, V. de P.; CARVALHO LEÃO, I. A. de. **Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

LOSURDO, D. In: NOVAES, J. MACHADO, R. Losurdo: produção das emoções é novo estágio do controle da classe dominante. **Opera Mundi**. São Paulo, 4 outubro 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/31615/losurdo+producao+das+emocoes+e+novo+estagio+do+controle+da+classe+dominante.shtml%22EUA%20s%C3%A3o%20%20pior%20inimigo%20da%20democracia%20nas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Internacionais%22>> Acesso em: 1 mar. 2019.

MANHÃES, E. D. O dia da infâmia. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York**. Brasília: IESB, 2002.

MARQUES, F. C. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: O ESTADO DE S. PAULO. **Cobertura dos atentados reafirma força da TV**. São Paulo, 14 set. 2001. In: OBERSERVATÓRIO DA IMPRENSA. São Paulo, 2001.

Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/show-News/asp1909200191.htm>> Acesso em: 1 jun. 2019.

MONTENEGRO, S. M. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sob o Islã no Brasil. **Mana**. Vol. 8. n. 1. Rio de Janeiro: abr. 2012. Disponível em: <[\[elo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132002000100003\]\(http://elo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132002000100003\)>. Acesso em: 8 jun. 2019.](http://www.sci-</p></div><div data-bbox=)

STEINBERGER, M. B. **Discursos geopolíticos da mídia – jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: FAPESP, EDUC, CORTEZ, 2005.

ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.